

MALPICA DO TEJO

E OS PREJUÍZOS DA RESERVA DE CAÇA

Ninguém pode por em dúvida que a propriedade privada, é um Bem a que todos têm direito, e que nada pode alterar as resoluções ou determinações que o seu proprietário sobre ela possa entender. E consequentemente é dever intangível e sagrado, o de todo o ser humano, respeitar e aceitar de boa mente essa mesma propriedade e as alterações que possa ter no seu amanhã ou na sua transformação, qualquer que ela seja.

Vem a propósito esta pequena consideração do facto de que os proprietários de algumas propriedades que circundam esta laboriosa terra, aliás Senhores de toda a respeitabilidade e admiração de Malpica, não só pelas suas altas qualidades de bondade como também de excelentes virtudes, terem florestado e com reserva de caça, todas as suas propriedades que limitem esta infeliz povoação.

E diz-se infeliz, porque terra outróra circunscrita unicamente às suas habitações, foi mercê de longos anos de sacrifícios, amealhando escudo a escudo, poupando o magro pão para a sua boca, que conseguiu estender um pouco os seus limites, adquirindo para si, um pouco de terra, que foi cultivando e então conseguir aquele mínimo de independência económica, que todo o ser humano tem direito.

E assim com o cultivo das suas hortas, os seus pequenos pomares e as suas florescentes plantações de oliveiras, alcançariam para seus filhos, uma melhoria económica digna, cheia de trabalho honrado, a todos os títulos merecedora de amparo e incentivo.

Agora com todas estas herdades em reserva de caça, Malpica vê todos os seus esforços, todas as suas canseiras e privações, cerceadas, uma vez que, num futuro mais ou menos próximo, as várias espécies de caça, com a sua enorme e constante reprodução, irão decerto lançar-se sobre os verdejantes e bem tratados produtos saídos da terra, não esquecendo esses milhares de pés de oliveira que todos os anos são plantados, e que já agora chegam a ser completamente roídos, ficando assim os estacaís de todo improdutivos.

Malpica vive assim, horas de amarga incerteza, mas não crê que os proprietários destas imensas terras, que tão humanos têm sido e que tão excelentemente a têm auxiliado, quer espiritual quer em qualquer outra manifestação da sua vida, fiquem in-

diferentes, à vida económica desta povoação. Terra cem por cento agrícola o seu habitante, vive unicamente da terra, procurando tirar dela, já de si extremamente pobre, os pobres produtos que ela lhe dá.

É justo e humano, este apelo de Malpica, de que haja uma outra alternativa, e que a deixem trabalhar honradamente, sem atropelos nem quisílias, pois que o Malpiqueiro, homem simples, honesto e trabalhador, outra coisa não quer que não seja o viver a sua existência para a terra e dela tirar a alegria de todo o seu viver e de seus filhos.—C.

